Pe 554
154 ex 14
30/03/12
Folha de São Paulo

Sérgio Buarque de Holanda acaba de ser indicado como o "Intelectual do Ano", no Concurso "Juca Pato"

"Eu não vivo cultuando o passado", diz o historiador aos 77 anos.

Em dia com a vida e a história

Sérgio Buarque de Holanda, escritor, poliglota, homem cordial e contemporâneo, "Intelectual do Ano" — quem diria — tem medo da morte. Essa confissão, feita na mesma sala onde seu filho, Chico Buarque, compôs "A Banda", soa verdadeira, mas injustificável. Pessoas como Sérgio Buarque, afinal, não morrem.

Ele, porém, já não está bem certo disso. Não faz planos para o futuro, mas trabalha incansavelmente, lutando contra o tempo, viajando para a Inglaterra, Estados Unidos, França e outros países à procura de nossa identidade cultural encerrada em museus estrangeiros, em busca de nossa memória perdida, disputada por brazilianists, tudo isso para concluir a grande História Geral da Civilização Brasileira, uma vigorosa obra cujos períodos colonial e imperial serão contados por ele.

A escolha como o "Intelectual do Ano", no 18.º Concurso promovido pela União Brasileira de Escritores com o patrocínio da "Folha", o deixou envaidecido, mas ele próprio havia votado em Fernando Sabino, "por considerá-lo um escritor nato. Eu, todavia, sou apenas um escritor adotivo. Em todo o caso, o prêmio faz-me sentir orgulhoso, por ficar na companhia de um Sobral Pinto, por exemplo (Sobral foi o "Intelectual do Ano" de 1978).

Buarque de Holanda receberá o troféu "Juca Pato".

RAÍZES

Com 77 anos, Sérgio Buarque considera-se um homem contemporâneo, "na medida em que não vivo cultuando o passado". Não consegue ser otimista quando o assunto é política nacional. Aliás, a partir de 1946, quando foi candidato a vereador, em São Paulo, pelo extinto Partido Socialista, sua militância política restringia-se apenas a escritos, seminários e conferências.

"Naquela eleição fui derrotado, vergonhosamente, é preciso enfatizar. Eu não tinha jeito para pedir votos, direta ou indiretamente. Com o fim do Estado Novo, a única coisa que queríamos era fundar o Partido, o que, afinal, conseguimos. Com o irmão do Figueiredo, Guilherme, o Manuel Bandeira e outros."

Esse idealismo morreu? Sérgio Buarque afirma que não, mas não aceita eufemismos como democracia relativa. Também não consegue destacar um regime, entre tantos que viu surgir e fenecer no século 20.

— O que há são projetos de regime. Podem ser bons ou maus, dependendo dos homens. Nesse ponto, é conveniente lembrar que não somos melhores ou piores que outros povos. Quando eu escrevi sobre o "homem cordial" em "Raízes do Brasil", até o Cassiano Ricardo interpretou mal minhas palavras. Ora, não creio que o brasileiro seja fundamentalmente bom. Quem lê meus livros de história percebe isso."

NOVOS AUTORES

A poesia de Ferreira Gullar entrou recentemente na vida de Sérgio Buarque através de "uns livros que o Oscar Niemeyer me emprestou. Estou surpreso com a qualidade de alguns autores, principalmente o Gullar, que realmente me impressionou".

Conhecer novos escritores é uma tarefa que cumpre e, por vezes, ainda atribui a seus filhos. Chico Buarque, por exemplo, não conhecia "Bola de Sebo", de Guy de Maupassant, antes de compor "Geni e o Zeppelin". Os críticos o acusaram de plágio, mas Sérgio atesta a veracidade do fato. Isso também ocorreu quando saiu a edição de "Fazenda Modelo", que Chico escreveu sem ter lido "A Revolução dos Bichos", de Orwell. Quem apresentou as duas obras a ele foi seu pai.

Sérgio Buarque viu dezenas de outros bons autores nascerem, como Vinicius de Moraes. O primeiro foi — naturalmente — ele mesmo. Aos 9 anos, em casa de seus pais, perto da atual estação São Joaquim do metrô, ele compôs sua primeira e única valsa, publicada num antigo periódico chamado "Tico-Tico".

— Foi a primeira coisa que escrevi. Apesar de tocar piano — que comecei a aprender escondido de meus pais — nunca mais escrevi outras composições.

COBRA E MITOLOGIA

As incursões de Sérgio Buarque pela literatura tiveram boa receptividade da crítica. Para quem também foi crítico — Sérgio colaborou com a "Folha da Manhã" entre 1952 e 1954 — isso representa muito mais que o reconhecimento do valor literário das obras.

— Sou, antes de tudo, um historiador. Publiquei uns poucos livros não didáticos como "Cobra de Vidro", uma coletânea de artigos, e "Tentativas de Mitologia". Creio que minha obra mais conhecida permanece sendo "Raízes do Brasil", já editada em vários países do Exterior, e que agora entra em sua 14.ª edição, no Brasil.

Sérgio Buarque também já traduziu obras importantes como "Etnologia Sul-Americana", do alemão Wilhelm Schmidt, e foi orientador de uma coleção de livros de História que leva justamente seu nome. Até o momento, já escreveu 15 livros, incluindo sete volumes de História Geral da Civilização Brasileira.

Folha de Slaulo
12.03.1980